

Emma Donoghue

na cabeça de uma criança de cinco anos

Antes de “O Quarto de Jack”, Emma Donoghue escreveu romances históricos e regressou a eles depois deste livro onde o narrador tem cinco anos e está preso desde que nasceu. A escrita da irlandesa saiu do anonimato com este título finalista do Man Booker Prize 2010. *Bárbara Wong*

Emma Donoghue entre os concorrentes na “short list” para o Booker 2010: da esquerda para a direita Damon Galgut, Andrea Levy, Howard Jacobson (o vencedor), Peter Carey e Tom McCarthy

PAUL HACKETT/REUTERS

A capa é intencionalmente infantil, com desenhos que podiam ser feitos por uma criança. O título é quase inocente, quando associado àquela capa, “O Quarto de Jack”, mas lá dentro, ao longo de páginas e páginas, vivemos o terror de uma mãe que foi rapta aos 19 anos e vive, contra a sua vontade, prisioneira de um homem que tem todo o poder sobre ela e sobre o filho, que entretanto nasceu em cativeiro.

Emma Donoghue, escritora de origem irlandesa que vive no Canadá, é conhecida pelos seus romances históricos, nenhum publicado em Portugal, garante a Porto Editora responsável pela edição deste título. Um dia, ouviu nas notícias o caso de Josef Fritzl – o austríaco que manteve, durante 24 anos, uma filha presa, na cave da própria casa, e com ela teve sete filhos, três deles viveram presos com a mãe, outros foram criados pela avó, que desconhecia o horror que se vivia por debaixo da sua casa – e inspirou-se. “Peguei na ideia de uma criança, nascida num espaço completamente fechado, mas nudei todos os outros detalhes”, assegura ao Ípsilon.

“Li muitos livros sobre raptos, mas criei a personagem da mãe deliberadamente mais velha [19 anos] do que a maioria das raparigas que são raptadas, de maneira a estar mais apta a fazer frente ao seu raptor. As circunstâncias, no interior de ‘O Quarto de Jack’ são menos horríveis do que as que acontecem na vida real. Estava interessada em explorar temas como a liberdade, em vez de me ficar pelo horror”, revela.

E assim, é. No início, o leitor conhece o Jack e a Mamã. Conhece também a Porta, a Cadeira, o Guarda-Fatos, a Aranha... Tudo com letra maiúscula porque são os companheiros de brincadeira de Jack. A Mamã tenta proporcionar uma vida normal ao filho de cinco anos. Existem rotinas, regras de boa educação, regras de higiene e regras para evitar o malfetor, o homem que os mantém presos. Jack está proibido de o ver e, sempre que Nick Mafarrico, é assim que a criança lhe chama, entra, o rapaz esconde-se no Guarda-Fatos.

Inspirar-se no filho

Donoghue admite que “não há crianças como Jack no mundo”, ou seja, há crianças a viver em prisões, em orfanatos, mas Jack é único porque a maioria desses meninos são negligenciados e mal tratados, aponta a autora. Jack tem muitos traços do filho mais velho de Donoghue que, na altura, tinha cinco anos: “Pedi-lhe emprestado a sua maneira de pensar, a sua paixão por brinquedos, o seu pragmatismo, o modo como fazia as



“A decisão de nos comprometermos com uma criança que precisa de nós é igualmente poderosa e sagrada, sejamos um homem ou uma mulher; um pai biológico ou adotivo”

ciados e mal tratados, aponta a autora. Jack tem muitos traços do filho mais velho de Donoghue que, na altura, tinha cinco anos: “Pedi-lhe emprestado a sua maneira de pensar, a sua paixão por brinquedos, o seu pragmatismo, o modo como fazia as

construções fráscas, até algumas das conversas que tinha”.

A Mamã é uma mulher marcada pelo rapto, pela violação, por ter feito um aborto, antes de ter tido Jack, presa e completamente sozinha. É também uma exímia educadora – Jack já sabe ler e usa vocabulário acima da média para a idade. “Tenho algumas das qualidades da Mamã (as conversas sem fim com o filho, que são educacionais, ao mesmo tempo que são carinhosas), mas não tenho o seu espírito, nem a sua coragem. Ela é a mãe que eu gostaria de ser”, admite Donoghue.

Mas este não é um livro sobre a maternidade, é antes sobre a parentalidade, salvaguarda a escritora. “A decisão de nos comprometermos com uma criança que precisa de nós é igualmente poderosa e sagrada, sejamos um homem ou uma mulher, um pai biológico ou adotivo”, declara.

Existe um laço, físico e emocional fortíssimo entre a Mamã e o Jack – é “uma estranha combinação de iguais, de amigos e de mãe e filho. A estranha

situação que vivem deu-lhes grande intimidade e confiança mútua”. Uma relação que, no momento em que conseguem cumprir com sucesso o plano de fuga, se altera. E muda quando estão no mundo exterior e a Mamã deixa de ser a heroína forte para dar lugar a uma mulher ferida, cansada e até capaz de querer desistir de viver.

“O Quarto de Jack” não podia terminar com a fuga, como se esta fosse um final feliz, diz a autora. É por isso que o leitor – que pode ler a partir dos 12 anos, recomenda a autora – acompanha aquela família por mais uns tempos e, de repente, não só as personagens mas também quem lê começa a olhar para o mundo de uma maneira diferente, como se todas as coisas, por mais insignificantes que sejam, fossem vistas pela primeira vez.

Jack é um menino demasiado branco, quase transparente, com um cabelo enorme que nunca foi cortado, subnutrido, que nunca viu a luz do dia, que não aprendeu a descer escadas, que entra em pânico quando vê

demasiadas pessoas ou as ouve a conversar. Não está habituado a nada disso.

Foi preciso fazer muita pesquisa para construir estas personagens, refere Donoghue. Mais do que para um romance histórico precisa de mais. Na verdade, não olhou para este livro como sendo diferente dos outros que escreveu. Para mim, na escrita não há limites para os temas que possa escolher.”

Apesar disso, reconhece que é um título diferente de todos os que já fez e que a nomeação para o Man Booker Prize foi um “fantástico estímulo para este livro, revelando aos leitores que é um trabalho com ambições literárias, sem pruridos”. Emma Donoghue já está a trabalhar no seu próximo romance, vai regressar a tempos mais recuados. Desta vez, à década de 1870, a São Francisco, nos EUA, altura em que se deu um crime que ficou por resolver...